

SORAIA CRISTINA GONÇALVES MANUEL

# **A VIOLÊNCIA NO NAMORO ENTRE JOVENS ADULTOS**

Dissertação de candidatura ao grau de Mestre em Educação para a Saúde, apresentada à Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Orientador: Doutora Sílvia Fraga

Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto

**PORTO, 2014**

Dissertação realizada com base no projeto EPITeen, desenvolvido no Departamento de Epidemiologia Clínica, Medicina Preditiva e Saúde Pública da Faculdade de Medicina do Porto e no Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

Este trabalho foi efetuado com base no projeto *Violência em diferentes idades da vida: frequência, determinantes e consequências em saúde* financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia (Ref.<sup>a</sup> PTDC/SAU-SAP/122904/2010).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço...

À **Professora Sílvia Fraga**, pelo acompanhamento, dedicação e competência demonstrados ao longo de todo este percurso académico.

Ao Departamento de Epidemiologia Clínica, Medicina Preditiva e Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto, na pessoa da **Professora Elisabete Ramos** por ter disponibilizado os dados utilizados para a elaboração deste trabalho.

À **Tânia Costa**, minha colega de casa, pela motivação e persistência em alguns momentos mais difíceis.

Aos meus **pais e avós**, pois sem a sua força, motivação e compreensão nada disto seria possível.

## ÍNDICE

RESUMO .....	1
ABSTRACT .....	3
INTRODUÇÃO.....	4
Violência Interpessoal .....	5
Violência entre parceiros íntimos.....	7
Violência no namoro: caracterização da problemática.....	8
Prevenção da violência no namoro .....	15
OBJETIVOS .....	17
MÉTODOS .....	18
Participantes .....	18
A Coorte EPITeen.....	18
Recolha de Informação .....	19
Informação analisada.....	20
Análise estatística .....	22
RESULTADOS .....	23
Descrição dos participantes .....	23
Prevalência de violência no namoro.....	24
Sobreposição dos atos de violência .....	26
Violência no namoro e características socioeconómicas.....	27
DISCUSSÃO .....	32
Prevalência dos tipos de violência no namoro.....	32
Bidirecionalidade da violência no namoro .....	32
Concomitância dos tipos de violência.....	36
Características socioeconómicas e violência no namoro.....	36
Forças e limitações do estudo.....	38
CONCLUSÃO .....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Características demográficas e sociais dos participantes (N=1258).....	23
Tabela 2. Prevalência do envolvimento nos diferentes tipos de violência no relacionamento de namoro considerando o último ano (n=1258) de acordo com o sexo. ....	24
Tabela 3. Prevalência do envolvimento em atos de violência grave considerando cada tipo de violência no relacionamento de namoro de acordo com o sexo.....	25
Tabela 4. Prevalência (%) do envolvimento em atos de violência exclusivamente de cada tipo e atos de violência combinados de acordo com o sexo. ....	27
Tabela 5. Características socioeconômicas de acordo com o envolvimento em atos de violência psicológica no namoro de acordo com o sexo.....	28
Tabela 6. Características socioeconômicas de acordo com o envolvimento em atos de violência sexual no namoro de acordo com o sexo.....	29
Tabela 7. Características socioeconômicas de acordo com o envolvimento em atos de violência física no namoro de acordo com o sexo.....	30
Tabela 8. Envolvimento em atos de violência e características socioeconômicas de acordo com o sexo. ....	31

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1. Tipologia de violência (OMS).....	6
Ilustração 2. Caracterização do envolvimento nos diferentes tipos violência na relação de namoro. ....	26

## LISTA DE ABREVIATURAS

- APAV (Associação de Apoio à Vítima)
- CTS (*Conflict Tactics Scales*)
- CTS2 (Escalas de Táticas de Conflito 2/*Conflict Tactics Scales 2*)
- EPITeen (*Epidemiological Health Investigation of Teenagers in Porto*)
- OMS (Organização Mundial de Saúde)
- UNICEF (*United Nations Children's Fund*)
- WHO (*World Health Organization*)

## RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo caracterizar a violência no namoro em jovens de 21 anos e determinar a sua relação com as características socioeconómicas. No âmbito da 3ª avaliação da coorte EPITeen, foram avaliados 1258 participantes (652 do sexo feminino) que estavam numa relação de namoro durante o ano precedente à avaliação. A informação foi obtida através de um questionário que recolhia características demográficas e socioeconómicas. O envolvimento em violência no namoro foi avaliado através da Escala de Táticas de Conflito 2. Esta escala permite avaliar a violência psicológica, física e coerção sexual, quer como vítima quer como agressor.

Os nossos resultados mostram que 61,2% dos participantes reportaram ter sido vítimas de violência psicológica (61,2% no sexo feminino e 61,2% no sexo masculino,  $p=0,993$ ). A proporção de participantes que reportaram ter sido vítimas de coerção sexual e violência física foi respetivamente 30,3% (28,7% no sexo feminino e 32,0% no sexo masculino,  $p=0,221$ ) e 18,6% (17,2% no sexo feminino e 20,1% no sexo masculino,  $p=0,203$ ). Relativamente à agressão no namoro, 63,1% dos participantes reportaram ter agredido o parceiro através do uso de violência psicológica (64,4% no sexo feminino e 61,7% no sexo masculino,  $p=0,350$ ). A proporção de participantes que reportaram ter usado a coerção sexual e atos de violência física foi respetivamente 28,5% (21,2% no sexo feminino e 36,3% no sexo masculino,  $p<0,001$ ) e 17,7% (20,1% no sexo feminino e 15,2% no sexo masculino,  $p=0,027$ ). A maioria dos jovens que reportaram relações com violência reportaram comportamentos violentos quer como agressor quer como vítima. No entanto, os participantes do sexo masculino reportaram agredir as namoradas recorrendo mais frequentemente a atos de coerção sexual e os participantes do sexo feminino reportaram mais frequentemente ter recorrido a atos de violência física. Verificou-se ainda que entre os participantes do sexo feminino, aquelas de estatuto socioeconómico mais favorecido envolveram-se mais frequentemente em atos de violência psicológica, enquanto os participantes do sexo masculino de estatuto socioeconómico menos favorecido envolveram-se mais frequentemente em violência do tipo psicológica e física.

Este estudo permite concluir que a violência é frequentemente usada no contexto do namoro. Embora este comportamento seja geralmente bidirecional, quem é vítima também é agressor, na coerção sexual o sexo masculino reporta mais frequentemente comportamentos de agressão enquanto na violência física o sexo feminino é mais frequentemente o agressor. O género e o contexto socioeconómico condicionam não só o envolvimento em violência no namoro como o tipo de violência predominante.

Estes resultados enfatizam a necessidade dos jovens serem alvo de intervenção no sentido de adquirirem competências e estratégias de comunicação para lidar com conflitos no contexto de uma relação de intimidade.

**Palavras-chave:** Violência; Namoro; Jovens; Estatuto Socioeconómico; EPITeen

## **ABSTRACT**

This thesis aimed to characterize dating violence among young people and to determine its relation with socio-economic characteristics. Within the 3<sup>rd</sup> assessment of the EPITeen cohort, 1258 participants (652 females) who were in a dating relationship during the year preceding the assessment were evaluated. The information was obtained through a questionnaire which collected demographic and socioeconomic characteristics. The involvement in dating violence was assessed using the Conflict Tactics Scale 2. This scale allows to evaluate the psychological, physical and sexual coercion, either as victim or as perpetrator.

Our results showed that 61.2% of participants reported having been victims of psychological violence (61.2% female and 61.2% in males,  $p = 0.993$ ). The proportion of participants who reported having been victims of sexual coercion and physical violence was respectively 30.3% (28.7% in females and 32.0% in males,  $p = 0.221$ ) and 18.6% (17, 2% in females and 20.1% in males,  $p = 0.203$ ). Regarding aggression in dating, 63.1% of participants reported having assaulted their partner through the use of psychological violence (64.4% in females and 61.7% in males,  $p = 0.350$ ). The proportion of participants who reported having used sexual coercion and physical violence was respectively 28.5% (21.2% in females and 36.3% in males,  $p < 0.001$ ) and 17.7% (20 1% in females and 15.2% in males,  $p = 0.027$ ). Most young people in a relationship with violence reported violent behavior either as perpetrator or as a victim. However, males tend to report to perpetrate sexual coercion more frequently and females reported more often to perpetrate physical violence against their partners. It was also found that among females, those from more advantaged socio-economic status are more often involved in acts of psychological violence, while male participants from disadvantaged socio-economic status are more often involved in psychological and physical violence.

This study allowed to conclude that violence is often used in the context of dating. Although this behavior is usually bidirectional, who is a victim is also an offender, males reported more often to use sexual coercion against their partners while females are more often the aggressor in physical violence. The gender and socio-economic context affect not only the involvement in dating violence as the type of violence. These results emphasize that young people should be the target for intervention in order to acquire skills and communication strategies to deal with conflicts in the context of an intimate relationship.

**Keywords:** Violence; Dating; Young people; Socioeconomic status; EPITeen

## INTRODUÇÃO

Alguns acontecimentos contribuíram para que a violência fosse reconhecida como um problema de saúde pública. Primeiramente, o sucesso obtido na prevenção e no tratamento de diversas doenças infecciosas seguido do aumento de homicídios e suicídios como causas de morte. Em meados do século XX a incidência e a mortalidade devidas à tuberculose e à pneumonia juntamente com outras doenças infecciosas foram drasticamente reduzidas graças ao sucesso de medidas de saúde pública (1). Desde 1965, o homicídio e o suicídio estiveram no topo das 15 principais causas de morte nos Estados Unidos (2), alcançando repercussões epidemiológicas durante 1980, particularmente entre a população mais jovem (3). Estas tendências suscitaram preocupações e exigiram novas medidas. Em 1979, o *Surgeon General's Report On Health Promotion And Disease Prevention: Healthy People* identificou os comportamentos de violência como uma das 15 áreas prioritárias, sendo expectável a sua prevenção através da implementação de medidas adequadas (4).

Paralelamente, a crescente aceitação da importância dos fatores comportamentais na etiologia e prevenção das doenças (5) permitiu verificar que a modificação destes comportamentos teria um impacto positivo na incidência de violência.

Finalmente, a visibilidade social de diferentes tipos de violência interpessoal, particularmente o abuso de crianças e a violência entre parceiros íntimos, foram consistentemente identificados como fatores associados a maior risco para complicações de saúde (6). Assim, surgiu a necessidade de incluir outras entidades para além do setor de justiça criminal na resolução destes problemas.

De modo a responder a este problema, o *Centers for Disease Control and Prevention* conduziu algumas investigações epidemiológicas baseadas em homicídios de crianças (7, 8). Esta investigação permitiu comprovar o sucesso da aplicação dos métodos epidemiológicos aos problemas de violência.

Em 1990, foram desenvolvidos e implementados vários programas de prevenção de violência em escolas e comunidades. Nos Estados Unidos foram conduzidos os primeiros estudos sobre o impacto de programas de prevenção de comportamentos associados à violência (9). O sucesso na prevenção de violência entre os mais jovens delineou o caminho para uma abordagem de saúde pública a outros problemas de violência.

Estes esforços realizados pela saúde pública para compreender e prevenir a violência nos Estados Unidos chamaram a atenção de outros países. Assim, em 1996, o problema da violência teve lugar na agenda internacional da Assembleia de Saúde Mundial tendo sido adotada a resolução WHA49.25, que declara a violência como um problema de saúde pública (10).

### **Violência Interpessoal**

A violência é um fenômeno extremamente abrangente e, como tal, a sua definição é também difícil de operacionalizar. A definição de violência não é o resultado de uma abordagem científica mas sim da concepção daquilo que é aceitável ou não em termos de comportamento e aquilo que constitui dano é culturalmente influenciado e constantemente analisado considerando os valores e as normas sociais (11). A diversidade de códigos morais existentes em todo o mundo faz da violência o tópico mais desafiante e politicamente sensível de abordar.

Na tentativa de encontrar uma definição que permita estabelecer comparações entre países, o *World Report on Violence and Health* definiu violência como o uso intencional de força física ou poder, consumado ou sob a forma de ameaça, contra si mesmo ou outra pessoa, grupo ou comunidade, que resulte ou tenha uma probabilidade elevada de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação (11).

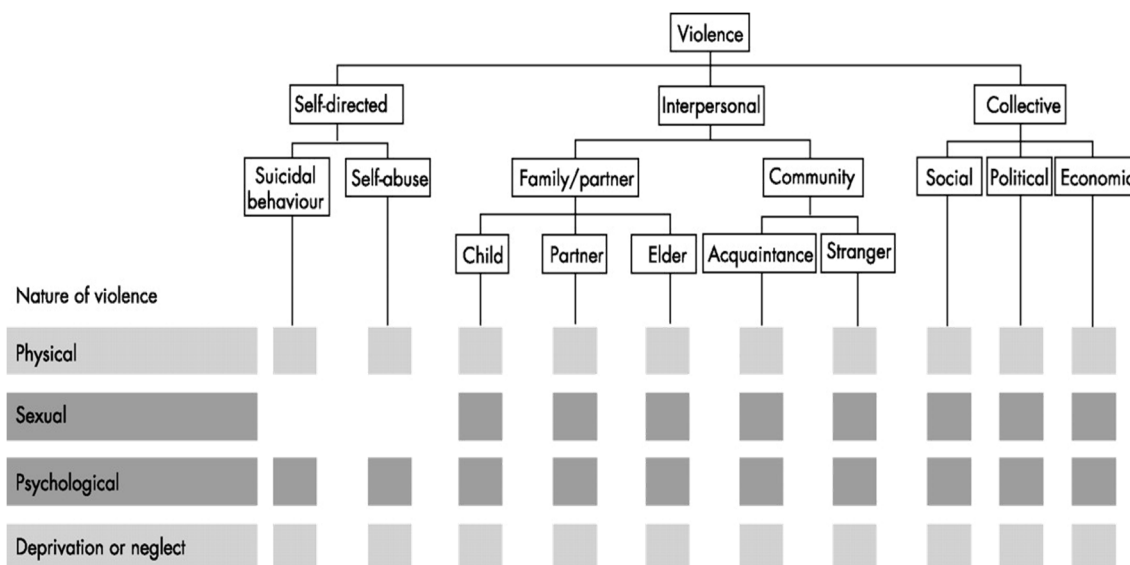
Esta definição abrange uma diversidade de atos, desde os físicos a ameaças e intimidação, podendo estes ser públicos ou privados, reativos ou pró-ativos. No entanto, a complexidade e a variedade dos atos de violência requer uma análise que enfatize as características comuns e estabeleça ligações entre os diferentes tipos de violência, formulando uma abordagem holística. Assim, a tipologia de violência proposta pela Organização Mundial de Saúde (OMS) inclui três categorias base de acordo com as características da pessoa envolvida e o ato de violência: 1) **violência autodirigida**, 2) **violência coletiva** e 3) **violência interpessoal**, sendo a intencionalidade uma característica comum às três categorias.

A **violência autodirigida** é subdividida em comportamentos suicidas e abuso autodirigido. O primeiro comportamento inclui pensamentos suicidas, tentativas de suicídio e suicídios consumados, enquanto o abuso autodirigido inclui atos como a automutilação.

A **violência coletiva** pode ser subdividida em social, política e económica, o que sugere possíveis motivos para a violência cometida por vários grupos de indivíduos ou estados. Este tipo de violência inclui crimes de ódio cometidos por grupos organizados, atos terroristas, guerra e conflitos violentos e também ataques realizados por grupos motivados, nomeadamente para ganhos económicos.

A **violência interpessoal** inclui a que ocorre principalmente no contexto de intimidade (no espaço doméstico), mas também inclui a violência que pode ocorrer na comunidade que engloba a violência entre indivíduos que não possuem qualquer vínculo, que podem ou não conhecer-se. A violência que ocorre na comunidade inclui atos de violência aleatórios, violação ou agressão sexual por estranhos e violência em contextos institucionais como escolas, locais de trabalho, prisões e lares. A violência interpessoal que ocorre no contexto doméstico poderá incluir o abuso de crianças, a violência entre parceiros e o abuso de pessoas idosas.

Assim, a tipologia proposta pela Organização Mundial de Saúde fornece um quadro útil para compreender a complexa definição de violência e dá algumas pistas para o seu estudo. Esta permite-nos aferir, por exemplo, que a violência interpessoal pode assumir diversas formas e pode ocorrer entre as pessoas mais próximas e conhecidas.



**Ilustração 1.** Tipologia de violência (OMS)

## **Violência entre parceiros íntimos**

A Organização Mundial de Saúde define a violência entre parceiros íntimos como um comportamento dentro de um relacionamento íntimo que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo assim atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos de controle (12).

Apesar das questões éticas e metodológicas relacionadas com a investigação neste tópico, o desenvolvimento de estudos é relevante para o conhecimento do problema e para a identificação de formas de o prevenir. A relevância da problemática da violência entre parceiros íntimos está enfatizada no relatório *Global Burden of Disease* de 2010 (13), que coloca a violência entre parceiros na 16ª posição na lista nos fatores de risco para os anos de vida com incapacidade.

A partir da década de 70, o movimento feminista vem contribuir para aumentar a sensibilização para a violência que ocorre contra as mulheres no âmbito das suas relações íntimas, particularmente no contexto do casamento. Assim, os primeiros estudos sobre a problemática da violência entre parceiros têm um enfoque na vitimização feminina e na agressão masculina.

O relatório da Organização Mundial de Saúde, *World Report on Violence and Health*, publicado em 2002, apresenta os resultados de 48 estudos de base populacional que documentam a violência contra as mulheres perpetrada pelos parceiros indicando que 10 a 69% das mulheres reportavam ter sido fisicamente agredidas em algum momento pelos seus parceiros. As estimativas variavam de acordo com os países em que foram realizados os estudos. A violência ocorrida durante o ano que precedia o estudo variou entre os 3% na Austrália, Canadá e Estados Unidos, e os 52% na Palestina, Cisjordânia e Faixa de Gaza (14).

Em 2013, a Organização Mundial de Saúde publica uma revisão sistemática demonstrando que cerca de um terço das mulheres que estavam num relacionamento tinham alguma vez sido vítimas de violência física e sexual por parte dos parceiros, com proporções variando entre os 23% nos países desenvolvidos e os 37% na região do sudeste Asiático (15, 16).

A variabilidade das estimativas encontradas nos diferentes estudos pode dever-se simplesmente a diferentes opções metodológicas, o que dificulta a comparação entre estudos. No entanto, também é expectável que exista uma variabilidade real da frequência deste fenómeno entre regiões devido à forte influência cultural sobre este problema.

O estudo sobre a violência entre parceiros passou também a considerar os mais variados contextos, ou seja, para além do contexto do casamento, percebeu-se que a violência pode ocorrer no contexto da coabitação ou mesmo o namoro. Isto é reflexo também de uma mudança na sociedade, ou seja, há uma diminuição do número de casamentos e um aumento de novas formas de coabitação.

Nos anos 80 surgem alguns estudos que descrevem situações de violência entre parceiros ainda na fase do namoro (17), sendo que alguns destes mostram também que pode ser exercido pela mulher contra o homem.

Há poucos estudos que abordam o problema da violência entre parceiros focando a vitimização masculina. No entanto, um estudo realizado nos Estados Unidos da América avaliou apenas a vitimização nos homens (18) e, posteriormente, considerou ambos os géneros para determinar a prevalência de vitimização de violência por parte do parceiro (19). Na Europa também são descritos estudos que avaliam a frequência da violência entre parceiros tendo em conta ambos os géneros. No Reino Unido, um estudo realizado a nível nacional mostrou uma prevalência de violência física de 1% nos homens e 2% nas mulheres (20). Estudos conduzidos na Suécia e na Dinamarca mostraram uma simetria nas estimativas de prevalência de violência física. Na Suécia, a prevalência encontrada foi de 8% nas mulheres e nos homens, na Dinamarca a prevalência foi de 5% nas mulheres e 6% nos homens (21-23). Recentemente, um estudo Europeu coordenado por Portugal, mostrou que a prevalência de violência entre parceiros diferia significativamente entre cidades europeias. Tanto os homens como as mulheres eram simultaneamente vítimas e agressores, existindo poucas diferenças na frequência das diferentes naturezas de violência de acordo com o género (24).

### **Violência no namoro: caracterização da problemática**

As relações de namoro iniciam-se normalmente na adolescência, uma fase transicional do desenvolvimento em que ocorrem diversas alterações afetivas e biológicas (25). É esperado que o amadurecimento sexual progressivo do adolescente esteja associado ao aumento do interesse do mesmo pelo sexo oposto e ao maior envolvimento no ritual social do namoro. No entanto, este envolvimento pode não estar intimamente relacionado com fatores biológicos da puberdade, mas sim com fatores sociais. Muitos adolescentes/jovens começam a namorar, não por estarem fisicamente

mais desenvolvidos, mas sim porque, socialmente e dentro do grupo de amigos do adolescente, se espera que estes se iniciem no namoro em determinada idade (26).

Contudo, a sociedade contemporânea depara-se com diversas mutações ao nível dos valores e regras económicas e sociais e com estas surgem também as novas formas de amar e de se relacionar com o outro (27, 28).

Sendo assim, a forma como estas relações se estabelecem e aquilo que um parceiro procura no outro é determinado e configurado pela época histórica na qual se inserem (29). Esta condiciona o modo como cada um se relaciona afetivamente e sexualmente com o outro, bem como, aquilo que se procura nele, os valores esperados numa relação e as configurações que a relação terá (30).

Atualmente, o namoro caracteriza-se maioritariamente por uma relação horizontalizada, em que tanto o homem como a mulher pode terminar o relacionamento caso um dos dois não esteja satisfeito, conferindo igualdade de direitos a ambos e, conseqüentemente, liberdade. Esta busca pela liberdade e procura de novas sensações fez com que surgisse um novo tipo de relacionamento: o “ficar”. Este caracteriza-se por um relacionamento ocasional, de pouca duração na maioria dos casos, que não implica compromisso, é passageiro, fortuito, superficial, sem conseqüências ou envolvimentos mais profundos, que permite aumentar o leque de experiências (31).

É ainda na década de 80 que surge o conceito de “amizade colorida” em que rapazes e raparigas mantêm encontros “com o compromisso de não terem quaisquer compromissos” (p.68) (32).

Sendo, também, a nossa sociedade marcada pelo fenómeno da globalização, o avanço tecnológico influencia não só a vida económica e política como também a social e, por sua vez, as relações com o outro (30). Os relacionamentos *online* são frequentes entre os mais jovens, e neste tipo de relacionamento cada parceiro não é percebido por aquilo que é, mas sim pelo que aparenta ser, o que lhe permite um melhor controlo da situação por não ter um envolvimento emocional tão grande como teria se estivesse presencialmente com o outro. A comunicação entre eles é feita através de *emails* ou mensagens, eliminando o compromisso e a dependência e acabam por estar numa zona de conforto, porque não estão cara-a-cara com a outra pessoa. Paralelamente, existem os *sites* que promovem encontros de diversos tipos de relacionamento, como se a pessoa se tratasse de um produto que se compra, uma mercadoria (29).

O namoro, entendido como um relacionamento de maior grau de compromisso e longevidade, limita de certa forma a vida, porque exige um maior contacto diário com o outro, no entanto, transmite mais confiança, segurança e perspectiva de futuro (31).

No entanto, a própria noção de namoro varia de acordo com o género, por exemplo, num estudo realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, no Brasil, com 183 alunos (72 raparigas, 111 rapazes), com uma média de idades de 22 anos, percebeu-se que as mulheres procuram num relacionamento carinho, companheirismo, cumplicidade e sinceridade, enquanto os homens evocaram mais vezes a palavra sexo. Os rapazes descrevem o namoro de uma forma racionalmente distanciada utilizando um modelo de casal perfeito, opondo-se à noção mais racional explicada pelas raparigas que utilizam adjetivos que implicam um relacionamento emocional. Porém, tanto rapazes como raparigas relacionam o namoro com a amizade que prevalece enquanto a relação satisfazer os dois (33).

Segundo Oliveira (34) a fase de namoro constitui um tipo de relação interpessoal cuja finalidade passa pela experimentação sentimental e/ou sexual entre duas pessoas, em que existe uma troca de conhecimentos e uma convivência de grau menor de comprometimento do que o casamento. Para esta autora o namoro nem sempre é uma etapa da vida composta por relacionamentos saudáveis e positivos, ou seja, por vezes pode ser pautada por momentos de violência.

Sendo assim e, contrariamente à ideia que se tem de que a fase do namoro é a melhor etapa da relação de um casal, é nela que se poderá dar início às primeiras manifestações de violência, contrariando assim a ideia de que a violência surge de forma espontânea no casamento (35).

A violência no namoro assume-se como um problema prevalente entre jovens adultos (36), motivo pelo qual a investigação desta temática tem aumentado substancialmente nos últimos anos, o que permite uma melhor compreensão da sua génese, das causas e consequências dos comportamentos agressivos entre os casais de namorados.

Os primeiros estudos que mencionam a frequência do problema da violência no namoro foram realizados com estudantes universitários nos Estados Unidos e no Canadá, que aferiram que existia uma prevalência elevada de agressão física entre namorados. Por exemplo, cerca de 20 a 40% referiram ter sofrido agressão física nos últimos 12 meses, sendo que também constataram que a prevalência era similar entre homens e mulheres, no entanto, relativamente à violência sexual concluíram que as mulheres eram mais frequentemente vítimas comparando com os homens (37).

Um estudo realizado com amostras de 31 universidades, de 16 países, que recolheu informações através da aplicação de questionários, concluiu que 29% dos estudantes tinham sofrido agressões físicas nos últimos 12 meses e, mais uma vez, se verificou que tanto homens como mulheres podiam ser agressores (38).

Em 2009, um estudo realizado em Portugal que incluiu 240 estudantes do ensino superior do Instituto Politécnico de Leiria mostrou que 9,1% dos inquiridos tinham sido vítimas de violência (1,3% rapazes e 7,9% raparigas). Nesta investigação, os investigadores concluíram que os comportamentos abusivos praticados pelos agressores tendem a ser vistos pelas vítimas como comportamentos passageiros e não como condutas violentas (35).

Na perspetiva de Mars e Valdez (39) a violência entre jovens no namoro é semelhante à violência doméstica nos adultos, ou seja tende a aumentar ao longo da duração da relação, o ciclo é similar com desculpas e promessas de que não voltará a acontecer e há um aumento do perigo quando o abusado tenta terminar a relação. Almeida (40) refere ainda que no namoro as agressões são mútuas e a vítima encara-as erroneamente como demonstrações “normais” de ciúme, minimizando, assim, os episódios de violência.

Sabemos, também, que a violência no namoro pode assumir diversas formas (41), nomeadamente, abuso psicológico, emocional, físico e sexual e pode ocorrer num contexto de um encontro casual ou numa relação mais séria e longa. No entanto, importa ressaltar que todas as formas de abuso são prejudiciais e devem ser tidas em conta (42).

A humilhação, os insultos e as ameaças ao/à namorado/a define de um modo geral o abuso psicológico e emocional no namoro. Também estão descritos como exemplos de abuso psicológico, o controlo de certas atividades, a tentativa de destruir a autoestima e autoconfiança, tentar isolar a pessoa dos seus amigos e família. Kelly (42) acrescenta ainda o comportamento de possessividade irracional ou demasiado ciúme e mesmo terrorismo emocional sobre o parceiro. Para a autora, o abuso emocional tem origem no desejo do/a agressor/a controlar o comportamento da outra pessoa, tentando dessa forma diminuir a sua autoconfiança e limitando a sua capacidade de agir. Relativamente a este tipo de agressão sabe-se que é tão frequente em homens como em mulheres, porém, os homens estão mais propensos a aumentar a intensidade do abuso quando sentem que estão a perder o controlo, podendo mesmo recorrer a violência física.

O abuso físico inclui atos como bater, bofetear, empurrar, abanar, dar pontapés, morder, puxar os cabelos. Inclui ainda o uso de armas e/ou facas contra o outro.

A violência sexual consiste na atividade sexual forçada ou indesejada ou mesmo a violação. Também é considerado abuso sexual quando alguém coage ou pressiona alguém para se envolver numa atividade sexual ou se tenta envolver com alguém que está sob o efeito de álcool ou drogas. De acordo com Kelly (42) este tipo de abuso é mais frequentemente infligido contra as mulheres.

No entanto, é certo que estas formas de violência não ocorrem separadamente e podem complementar-se entre si, bem como serem reforçadas por dispositivos de controlo da pessoa maltratada, como o isolamento espacial e/ou social, acusações morais e controlo financeiro (14). Percebemos, assim, que raramente ocorrem formas isoladas de violência, uma vez que esta se articula com outras relações de poder e controlo que transcendem os níveis elementares de cada forma de violência (24).

A violência é um fenómeno complexo que está em constante interação com diversos fatores desde biológicos a políticos e a identificação dos fatores associados em cada nível pode ser a chave para a prevenção da violência (43). Neste sentido, foi desenvolvido o modelo ecológico que define como níveis de influência: a sociedade, a comunidade, a relação e o indivíduo.

A nível da sociedade, este modelo preconiza que as políticas de saúde, económicas, educacionais e sociais são propícias à criação de um clima em que a violência é estimulada ou inibida. Um estudo efetuado com dados Europeus demonstrou que as características do país, nomeadamente as desigualdades sociais, considerando o Coeficiente de Gini, tinham um maior contributo para explicar a variabilidade das estimativas de violência entre países comparativamente com as características dos indivíduos (44). Embora as características individuais sejam bastante relevantes, o contexto em que os indivíduos vivem e interagem é fundamental para a compreensão da problemática.

A nível da comunidade, o modelo ecológico pretende compreender a influência da escola, do local de trabalho ou bairro de residência, dos contextos em que ocorrem as relações sociais, na produção de violência. Tem sido demonstrado que o contexto em que as pessoas vivem influencia a probabilidade de estar envolvido em situações de violência. Um estudo demonstrou que indivíduos que crescem em zonas urbanas onde há maiores índices de violência estão mais frequentemente envolvidos em atos violentos do que aqueles que crescem em zonas rurais (45).

Em termos de relações sociais, percebemos que na problemática da violência este é um nível de influência que tem vindo a ser bastante estudado. Alguns autores defendem que os maus-tratos na infância ou o testemunhar episódios de violência na família estão associados a um maior risco de vivenciar a violência no namoro (45, 46). Baseados na teoria da aprendizagem social, que postula que o indivíduo adquire comportamentos novos e amplia os comportamentos já adquiridos observando os outros, defendem que ser vítima de abuso físico enquanto criança aumenta o risco de mais tarde ter comportamentos agressivos (45).

Vezina e Herbet identificaram como fatores que aumentam a probabilidade de vivenciar um episódio de violência no namoro a vivência num lar destruturado, a deficiente supervisão parental e a tolerância face à violência (47).

A influência dos pares é também um dos fatores relacionais que se encontra associado à violência no namoro. Swartout defende que o grupo de pares influencia cada membro individualmente a adotar as atitudes que mais prevalecem no grupo ou que pessoas com a mesma forma de pensar são atraídas uma pela outra (48).

No entanto, a maior parte dos estudos procura identificar os fatores biológicos e história pessoal, como por exemplo, idade, escolaridade, uso de drogas ou histórico de abuso, que estão associados a maior probabilidade de se tornar uma vítima ou agressor.

Quando se abordam os fatores de risco dos comportamentos de violência surge um tema comum, a coocorrência (48) de diferentes formas de violência e de outros comportamentos associados a maior risco para a saúde.

Estudos referem que os jovens que reportam experienciar violência no namoro estão mais propensos a elevados consumos de substâncias, como álcool e drogas, a ter problemas de controlo de peso, infeções sexualmente transmissíveis, gravidezes indesejadas e depressão. Numa situação mais extrema, a experiência de violência pode levar muitas vítimas a tentar ou consumir o suicídio (39, 49, 50).

Um estudo baseado no *Youth Risk Behavior Survey* (51) mostrou que adolescentes que reportaram ter sido vítimas de violência apresentaram maior probabilidade de desenvolver outros comportamentos como, por exemplo, conduzir embriagado, menor probabilidade de utilizar preservativo nas relações sexuais, menos propensos a assumir comportamentos de saúde saudáveis.

As vítimas de violência tendem a sentir-se sozinhas, assustadas, envergonhadas, culpadas, desconfiadas, inseguras, confusas, tristes, ansiosas (52) e estes sentimentos são naturais, uma vez que se encontram numa situação complicada de resolver e ultrapassar. Magalhães (53) acrescenta ainda que as vítimas manifestam baixa autoestima, dificuldades cognitivas, designadamente dificuldade em concentrar-se, perda de memória, dificuldade em raciocinar, podem apresentar também sintomas de mau estar físico (cansaço, insónias, dores de cabeça, entre outros). Esta autora menciona ainda que os níveis de ansiedade da vítima podem aumentar pelo facto desta poder reviver cognitivamente o evento de violência do qual foi alvo.

No contexto do namoro têm sido identificados fatores como, por exemplo, a satisfação na relação, a resolução de problemas e a capacidade de comunicação, que têm um grande impacto no sucesso de uma relação íntima (45). Alguns dados empíricos suportam a noção de que a satisfação individual com a relação está diretamente relacionada com a violência. Comparativamente com as relações não violentas, os sujeitos nas relações que envolvem violência no namoro reportam menos satisfação com a relação e um decréscimo na atração pelo seu parceiro agressor. Paralelamente, pessoas que não são capazes de se expressar e comunicar eficazmente estão em maior risco de se envolverem em situações de violência no namoro (45).

Por vezes é difícil compreender que o que está a acontecer é uma forma de violência e que aquela pessoa de quem se gosta é capaz de fazer mal. Apesar dos maltratos, as vítimas continuam a gostar do/a agressor/a e não o/a querem magoar, desiludir ou prejudicar. Por vezes, também surge o medo ou receio de ficar sozinho/a. Por outro lado, quem se identifica como vítima de violência no namoro tem receio de contar o que se está a passar e de pedir ajuda, pelo facto de pensarem que não vão acreditar nelas ou que não as vão conseguir ajudar. Existem ainda outros sentimentos associados, como por exemplo, o medo de que o/a agressor/a faça pior à vítima ou a si próprio se esta contar o sucedido (52). Por outro lado, numa relação com violência existe sempre a esperança de que o parceiro irá mudar (52), o que pode explicar o facto de não terminarem o relacionamento.

Ainda relativo às características a nível do indivíduo, os estudos têm procurado analisar a relação do estatuto socioeconómico e o envolvimento em comportamentos de violência. Alguns estudos mostraram uma prevalência de violência no namoro mais elevada nos grupos sociais mais desfavorecidos (54, 55). De facto, é comum associar a violência às classes sociais mais desfavorecidas. No entanto, há estudos que

mostram que a violência no namoro ocorre em qualquer estrato socioeconómico. Contudo, este resultado é ainda pouco consistente (56).

### **Prevenção da violência no namoro**

Na tentativa de prevenir os comportamentos violentos a sociedade deve desenvolver campanhas, ações ou programas que alertem as suas populações para a problemática da violência, tendo em conta as características das mesmas. Ou seja, é necessário entender os jovens como alvos de intervenção de prevenção primária, como cidadãos ativos de mudança, capacitados para interiorizar novos conhecimentos, de desconstruírem mitos, de adquirirem competências e utilizarem e refletirem sobre estas eficazmente, de forma a alterar os seus comportamentos, quer a nível pessoal quer a nível comunitário (37).

Neste sentido, a nível internacional desenvolveram-se algumas campanhas que ganharam destaque como, por exemplo, a “*Orange Day*” na China, em Julho de 2012, liderada pela *UNiTE Campaign’s Global Youth Network*, que através das redes sociais da internet pretendia destacar alguns problemas principais e prevenir e acabar com a violência contra mulheres e raparigas (57). Nos Estados Unidos da América foi desenvolvido um guia de atividades com o objetivo de prevenir a violência entre parceiros e particularmente a violência sexual. Este guia designado *Choose Respect* pretendia fornecer informações e ferramentas educacionais a adolescentes entre os 11 e 14 anos, sobre os comportamentos corretos a ter numa relação e reforçar as atitudes positivas e de respeito na mesma. Pretendiam implementar e avaliar uma abordagem que promovesse o respeito e a não-violência nos relacionamentos, para a longo prazo criarem um ambiente comunitário que favorecesse e suportasse relações saudáveis entre os adolescentes (58).

A campanha “Maltrato Zero” foi desenvolvida em 22 países Ibero-Americanos, no ano 2009, contando com a participação de Portugal. Teve como objetivo alertar a consciência social para as questões da igualdade e da violência de género, tendo como fim a erradicação desta última (59).

Particularmente em Portugal, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) tem desenvolvido algumas campanhas de sensibilização sobre várias problemáticas relacionadas com a violência doméstica, na sua maioria direcionadas para a violência contra a mulher, mas também algumas já diretamente direcionadas ao contexto do namoro entre os jovens.

Apesar de algumas iniciativas de cariz informativo acerca desta temática, nomeadamente em Portugal, esta é ainda um problema pouco reconhecido e explorado pela sociedade civil. Carece não só de programas que chamem a atenção da mesma, como também de programas de intervenção, ou seja, de programas que coloquem junto do público-alvo profissionais devidamente formados, para auxiliarem e tirarem dúvidas ou até mesmo identificar possíveis casos de violência.

Paralelamente, e não descurando a importância que estas campanhas tiveram, é importante que antes destas serem realizadas se dê voz aos principais interessados, os jovens, e que se envolva toda a comunidade, jovens, pais, escolas, grupos de pares, pois são estes os principais intervenientes dos contextos (37).

Desta forma, monitorizar o fenómeno é relevante para determinar a melhor forma de atuar sobre o problema. Apesar das dificuldades inerentes à investigação sobre violência, os estudos que permitem monitorizar e analisar os comportamentos de violência entre jovens têm um contributo importante na sensibilização sobre o problema e na definição de medidas preventivas.

## **OBJETIVOS**

O principal objetivo desta tese foi caracterizar a violência no namoro numa amostra de jovens adultos de 21 anos e determinar a sua relação com as características socioeconómicas.

Deste modo, foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- a) avaliar a frequência de violência no contexto do namoro entre os jovens considerando a gravidade e a direccionalidade dos seus diferentes tipos;
- b) identificar as características sociais e económicas associadas à violência no namoro.

## MÉTODOS

### Participantes

#### *A Coorte EPITeen*

Este estudo foi desenvolvido com base na informação recolhida no âmbito do projeto EPITeen (*Epidemiological Health Investigation of Teenagers in Porto*) (60, 61), uma coorte que recrutou durante o ano letivo de 2003/2004 os adolescentes nascidos no ano de 1990 que frequentavam as escolas públicas e privadas da cidade do Porto. O projeto é coordenado pelo Departamento de Epidemiologia Clínica, Medicina Preditiva e Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto. O objetivo geral do projeto é fazer o seguimento deste grupo de pessoas até à vida adulta de forma a identificar os determinantes biológicos, psicológicos e sociais de saúde na adolescência, assim como a sua repercussão na vida adulta.

O estudo foi aprovado inicialmente pela Direção Regional de Educação do Norte, a qual deu permissão para estabelecer o contacto com as escolas. Porém, coube aos Conselhos Executivos de cada escola decidir acerca da sua participação no projeto.

No ano letivo 2003/2004 procedeu-se à primeira avaliação da coorte onde foram avaliados os adolescentes nascidos em 1990 que, no momento da mesma, estavam inscritos em escolas públicas e privadas da cidade do Porto. Neste sentido, foram contactadas 51 escolas do ensino básico (segundo e terceiro ciclos) e do secundário (24 privadas e 27 públicas), das quais todas as escolas públicas e 19 escolas privadas aceitaram participar. Dos 2786 adolescentes elegíveis para o estudo participaram 2159 (proporção de participação de 77,54%). Esta proporção foi semelhante tanto em escolas públicas como em privadas (77,7% vs. 77,0% respetivamente,  $p=0,710$ ).

A segunda avaliação decorreu em 2007/2008. Nela participaram 1716 participantes, agora com 17 anos e que já tinham sido avaliados no período letivo de 2003/2004, correspondendo assim a uma recuperação de 79,4%. Nesta etapa, foram contactadas e adicionadas ao estudo cinco escolas secundárias que na altura da primeira avaliação não possuíam alunos com a faixa etária pretendida (13 anos), em todas elas foram contactados os alunos nascidos no ano de 1990 independentemente de terem sido ou não avaliados aos 13 anos. Deste modo, foram incluídos 783 novos participantes que no momento da realização da primeira avaliação não estudavam em

escolas do Porto. Estes novos participantes foram avaliados pela primeira vez aos 17 anos de idade. Assim, a coorte é composta por um total de 2942 adolescentes.

A terceira fase de avaliação do EPITeen decorreu em 2011/2013 e recolheu informação de 1764 participantes aos 21 anos (60% de participação considerando o total da coorte). Estes participantes foram convidados a deslocarem-se ao Departamento de Epidemiologia Clínica, Medicina Preditiva e Saúde Pública da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto para realizarem esta avaliação.

O protocolo do projeto EPITeen obteve a aprovação da Comissão de Ética do Hospital de São João do Porto. Em todas as avaliações foi solicitado o consentimento informado dos participantes e dos respetivos encarregados de educação. Na terceira avaliação apenas foi obtido o Consentimento dos participantes.

### **Recolha de Informação**

Nas três avaliações a informação foi obtida através de questionários estruturados que recolhia dados sobre: características sociodemográficas, cuidados de saúde, história ginecológica e obstétrica, hábitos e atividades, hábitos tabágicos, consumo de bebidas alcoólicas, alimentação e ainda a realização de uma avaliação física, nomeadamente recolha de sangue, medição da pressão arterial, antropometria, impedância bioelétrica, avaliação da função respiratória e avaliação da densidade óssea. Adicionalmente na avaliação dos 21 anos foi administrada a Escala de Táticas de Conflito 2 que permitiu recolher dados sobre vitimização e agressão de violência entre parceiros.

Para este estudo utilizou-se a informação recolhida no âmbito da terceira avaliação dos participantes, ou seja, aos 21 anos de idade. Dos 1764 participantes que integraram a 3ª avaliação da coorte, foram incluídos na presente análise 1258 participantes (652 do sexo feminino e 606 do sexo masculino). Os critérios de inclusão foram: estar ou ter estado durante o último ano num relacionamento com duração igual ou superior a 1 mês e ter respondido aos itens do instrumento Escala de Táticas de Conflito 2 (CTS2).

## Informação analisada

Para esta tese foi utilizada a informação sobre:

### a) Características sociais e económicas

A variável **escolaridade** considera o último ano que completou na escola. Posteriormente optou-se por agrupar os participantes com menos de 12 anos de escolaridade e participantes com mais de 12 anos de escolaridade para a análise final.

Para recolher informação sobre a situação face ao **emprego**, o participante tinha como opção de resposta “Empregado(a) a tempo inteiro”, “Empregado(a) parcial (pelo menos 15h semanais)”, “Empregado(a) menos que o tempo parcial (menos de 15h semanais)”, “Trabalhador(a) familiar não remunerado”, “Desempregado(a)/à procura do 1º emprego”, “Estudante/na escola/em formação profissional”, “Doméstica(o)/ocupa-se das tarefas do lar”, “Outra situação”. Para esta análise optámos por classificar os participantes em atualmente empregados versus as restantes opções.

Foi perguntado ao participante o valor médio, mensal, em euros, dos **rendimentos do agregado familiar** e para a análise foram consideradas as seguintes categorias de rendimentos: “até 1000€”, “de 1001 até 1500€”, “de 1501 até 2500€”, “>2500€”.

Em relação à **perceção dos rendimentos**, estes foram considerados “*insuficientes*” quando declararam os rendimentos como sendo “Insuficientes” ou declararam que “Tem de ter cuidado com os gastos” e foram considerados “*suficientes*” quando escolheram a opção “Chega para as suas necessidades” ou são “Confortáveis”.

Foi ainda pedido ao participante que se situasse quanto à sua **classe social**. “Das seguintes classes, em qual delas é que se incluiria?” Os participantes podiam responder “Classe baixa”, “Classe média baixa”, “Classe média alta”, “Classe alta”, “Nenhuma destas”. Para a análise final reagrupámos esta variável em três categorias: “Baixa/Média baixa”, “Média alta/Alta” e “Nenhuma”.

### b) Violência

Foi utilizada uma versão nacional validada da Revised Conflict Tactics Scales 2 (CTS2) para avaliar a frequência de violência no contexto do namoro (62). Este instrumento consiste numa escala que avalia o envolvimento em atos violentos numa

relação íntima e permite avaliar o envolvimento em **violência psicológica** (através de 8 itens), **violência física** (12 itens), **coerção sexual** (7 itens) e **lesões** (6 itens). Para cada item, foi pedido ao participante que assinalasse a frequência com que cada situação ocorreu durante o último ano. A escala permite ainda avaliar a direccionalidade do envolvimento em violência, ou seja, se foi vítima ou se foi agressor.

As perguntas referem-se a atos que descrevem a violência menor ou grave. A distinção entre violência menor ou violência grave é baseada na definição de que os atos graves representam um risco maior de lesões que requerem cuidados médicos comparativamente com os atos menores. Por exemplo, os itens que se referem aos atos menores de violência são “Insultei ou disse palavrões ao meu companheiro/a” (agressão psicológica), “Atirei ao meu companheiro/a alguma coisa que o/a poderia magoar” (agressão física), “Fiz o meu companheiro/a ter relações sexuais sem preservativo” (coerção sexual), e “Tive uma entorse, pisadura, ferida ou um pequeno corte por causa de uma luta com o meu companheiro/a” (lesão). Os itens que descrevem os atos graves são, por exemplo: “Destruí algo que pertencia ao meu companheiro” (agressão psicológica), “Usei uma faca ou uma arma contra o meu companheiro/a” (agressão física), “Usei a força (ex. batendo, detendo ou usando uma arma) para fazer com que o meu companheiro/a tivesse sexo oral ou anal comigo” (coerção sexual), e “Desmaiei porque o meu companheiro/a me atingiu na cabeça durante uma luta” (lesão).

As respostas foram dadas numa escala de oito pontos, variando de 0 a 7 (0 = nunca aconteceu, 1 = uma vez no último ano, 2 = duas vezes no último ano, 3 = 3-5 vezes no último ano, 4 = 6-10 vezes no último ano, 5 = 11-20 vezes no último ano, 6 = mais de 20 vezes no último ano, 7 = não aconteceu no último ano, mas aconteceu antes). As respostas com as opções “1” à “6” identificam vítimas ou agressores no último ano e a opção “7” identifica aqueles que já foram vítimas ou agressores. Quando todos os itens que descrevem cada tipo de violência têm como resposta “0”, o participante é codificado como nunca tendo sido vítima ou agressor.

A informação recolhida para cada item da escala CTS2 foi reagrupada de forma a identificar a frequência do envolvimento em cada um dos tipos de violência. Para esta tese, a violência que resultou em lesões físicas foi agregada com a violência física.

### **Análise estatística**

Os resultados foram estratificados de acordo com o sexo. Para a comparação de proporções foi utilizado o Teste do Qui-quadrado ou Exato de Fisher quando apropriado e o nível de significância foi estabelecido em 0,05. O *software* de análise de dados utilizado foi o SPSS® versão 21.0 (IBM Corp. Released 2012. IBM SPSS Statistics for Windows, Version 21.0. Armonk, NY:IBM Corp).

## RESULTADOS

### Descrição dos participantes

Do total de inquiridos, 1258 participantes (652 do sexo feminino e 606 do sexo masculino) estavam ou tinham estado num relacionamento de namoro durante o ano precedente à avaliação. A maioria dos participantes (69,5%) apresentava mais de 12 anos completos de escolaridade. Apenas 21,4% dos participantes indicaram ter um emprego. Relativamente aos rendimentos, a maior parte considerou que os rendimentos eram suficientes para fazer face às despesas, mas classificaram-se maioritariamente na classe social baixa/média baixa (**Tabela 1**).

**Tabela 1.** Características demográficas e sociais dos participantes (N=1258)

	n (%)
<b>Sexo</b>	
Feminino	652 (51,8)
Masculino	606 (48,2)
<b>Escolaridade (anos)</b>	
<=12	384 (30,5)
>12	873 (69,5)
<b>Atualmente empregado</b>	
Não	979 (78,6)
Sim	267 (21,4)
<b>Rendimento do agregado</b>	
Até 1000€	218 (19,4)
1001 até 1500€	249 (22,2)
1501 até 2500€	326 (29,0)
>2500€	330 (29,4)
<b>Perceção rendimentos</b>	
Insuficientes	512 (40,8)
Suficientes	742 (59,2)
<b>Classe social</b>	
Baixa/Média baixa	723 (57,5)
Média alta/Alta	462 (36,8)
Nenhuma	72 (5,7)

## Prevalência de violência no namoro

A **Tabela 2** apresenta a prevalência do envolvimento nos diferentes tipos de violência durante um relacionamento de namoro. A violência psicológica foi mais frequentemente indicada tanto pelas vítimas como pelos agressores (vítimas=61,2% e agressores=63,1%). A coerção sexual e a violência física foram reportadas, respetivamente, por 30,3% e 18,6% dos participantes que indicaram ter sido vítimas. Relativamente à vitimização, não se verificaram diferenças estatisticamente significativas de acordo com o sexo.

Durante o ano anterior à entrevista, 28,5% dos participantes reportaram ter agredido o parceiro recorrendo a atos de coerção sexual e 17,7% a atos físicos. No que se refere à agressão, os nossos resultados mostram diferenças estatisticamente significativas de acordo com o sexo. Enquanto os atos de coerção sexual foram significativamente mais usados na agressão pelos participantes do sexo masculino (36,3% vs. 21,2%,  $p>0,001$ ), a violência física foi mais frequentemente reportada na agressão pelos participantes do sexo feminino (20,1% vs. 15,2%,  $p=0,027$ ) (**Tabela 2**).

**Tabela 2.** Prevalência do envolvimento nos diferentes tipos de violência no relacionamento de namoro considerando o último ano (n=1258) de acordo com o sexo.

		Total (N=1258)	Sexo feminino (n= 652)	Sexo masculino (n= 606)	
			n(%)	n(%)	p
Vítima	Psicológica	61,2%	61,2%	61,2%	0,993
	Física	18,6%	17,2%	20,1%	0,203
	Sexual	30,3%	28,7%	32,0%	0,221
Agressor	Psicológica	63,1%	64,4%	61,7%	0,350
	Física	17,7%	20,1%	15,2%	0,027
	Sexual	28,5%	21,2%	36,3%	<0,001

A **Tabela 3** mostra a distribuição dos atos de violência considerados mais graves sofridos e perpetrados pelos participantes no ano anterior ao preenchimento do questionário. A prevalência mais elevada corresponde à indicação de atos graves de violência psicológica, quer enquanto vítimas quer enquanto agressores. Apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas de acordo com o sexo na prevalência de violência psicológica sofrida, sendo que os participantes do sexo

masculino indicaram mais frequentemente sofrer atos de violência psicológica graves comparativamente com os participantes do sexo feminino (15,0% vs. 10,9%,  $p=0,037$ ).

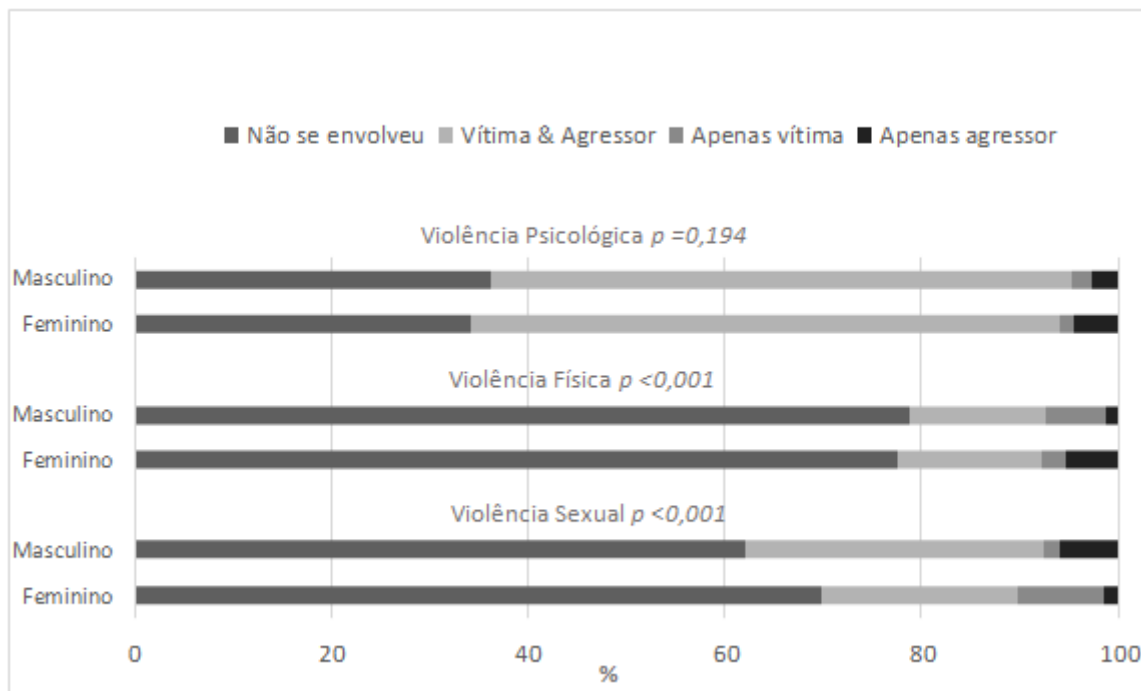
**Tabela 3.** Prevalência do envolvimento em atos de violência grave considerando cada tipo de violência no relacionamento de namoro de acordo com o sexo.

		Total (N=1258)	Sexo feminino (n= 652)	Sexo masculino (n= 606)	
			n(%)	n(%)	<i>p</i>
Vítima	Psicológica	12,9%	10,9%	15,0%	<b>0,037</b>
	Física	3,7%	3,8%	3,5%	0,839
	Sexual	1,8%	1,8%	1,8%	0,970
Agressor	Psicológica	13,0%	11,8%	14,4%	0,213
	Física	2,9%	3,5%	2,3%	0,265
	Sexual	1,4%	1,2%	1,7%	0,696

Da análise das últimas tabelas podemos perceber que a prevalência de vitimização e a prevalência de agressão são relativamente semelhantes. A **Figura 1** ilustra a dinâmica do envolvimento nos diferentes tipos de violência de acordo com o sexo, mostrando se os participantes foram apenas vítimas, apenas agressores ou se foram agressores e vítimas. Esta representação gráfica permite observar que a violência no namoro é bidirecional, ou seja, a maioria dos participantes parece assumir simultaneamente o papel de vítima e de agressor.

Na violência psicológica, a prevalência do envolvimento bidirecional é semelhante no sexo masculino e no sexo feminino, no entanto as mulheres são mais frequentemente apenas agressoras deste tipo de violência, embora as diferenças não sejam estatisticamente significativas.

Existem diferenças estatisticamente significativas de acordo com o sexo no envolvimento em violência física e violência sexual. Na violência física há mais homens a reportar terem sido apenas vítimas de violência física e há mais mulheres a reportarem serem apenas agressoras deste tipo de violência. Ao contrário do que acontece na violência física, na violência sexual há mais homens a reportarem serem apenas agressores deste tipo de violência comparativamente com as mulheres que declaram ser mais frequentemente apenas vítimas.



**Ilustração 2.** Caracterização do envolvimento nos diferentes tipos de violência na relação de namoro.

### Sobreposição dos atos de violência

A **Tabela 4** apresenta a prevalência do envolvimento em atos de violência de acordo com o tipo e a sua ocorrência (exclusiva ou combinada). Verificamos que 31,1% dos participantes do sexo feminino e 24,8% dos participantes do sexo masculino estiveram envolvidos em violência exclusivamente do tipo psicológica. Considerando apenas os participantes que reportaram pelo menos um ato de violência, verificamos que entre os participantes do sexo feminino, 45,3% indicaram atos de violência exclusivamente psicológica e entre os participantes do sexo masculino esta proporção foi 35,5%. A prevalência de todos os tipos de violência combinados foi similar entre sexos (11,8% no sexo feminino e 11,2% no sexo masculino,  $p=0,744$ ).

**Tabela 4.** Prevalência (%) do envolvimento em atos de violência exclusivamente de cada tipo e atos de violência combinados de acordo com o sexo.

<b>Tipo de Violência</b>	<b>Sexo feminino</b>	<b>Sexo masculino</b>	<b>p</b>
Exclusivamente psicológica	31,1%	24,8%	0,014
Exclusivamente sexual	4,0%	7,4%	<b>0,008</b>
Exclusivamente física	0,9%	0,8%	0,856
Psicológica + sexual	13,7%	19,0%	<b>0,013</b>
Psicológica + física	9,2%	8,9%	0,857
Sexual + física	0,6%	0,3%	0,466
Psicológica + física + sexual	11,8%	11,2%	0,744

### **Violência no namoro e características socioeconómicas**

Para compreender a relação do envolvimento em violência no contexto de um relacionamento íntimo e as características socioeconómicas optámos por analisar os dados consoante o envolvimento nos diferentes tipos de violência (psicológica, sexual e física), estratificando os resultados de acordo com o sexo dos participantes.

A **Tabela 5** apresenta a relação do envolvimento em atos de violência psicológica no namoro e as características socioeconómicas. No sexo feminino, observamos que o envolvimento em atos psicológicos violentos é significativamente mais frequente entre as mais escolarizadas (>12 anos completos de escolaridade) e as que auferem de um rendimento do agregado familiar mais elevado. A situação de emprego, a perceção sobre a adequação dos rendimentos e a classe social não se associaram significativamente ao envolvimento em atos psicológicos violentos.

No sexo masculino, verificou-se que o envolvimento em violência psicológica era mais frequente entre os menos escolarizados (<=12 anos de escolaridade), os que percecionavam os seus rendimentos como insuficientes e que se classificavam na classe social baixa/média. A situação de emprego e os rendimentos auferidos pelo agregado familiar não estavam significativamente associados ao envolvimento em atos de violência psicológica.

**Tabela 5.** Características socioeconômicas de acordo com o envolvimento em atos de violência psicológica no namoro de acordo com o sexo.

Violência Psicológica	Sexo feminino			Sexo masculino		
	Não n (%)	Sim n (%)	<i>p</i>	Não n (%)	Sim n (%)	<i>p</i>
<b>Escolaridade (anos)</b>						
<=12	64 (28,7)	93 (21,7)	<i>0,058</i>	70 (32,0)	157 (40,7)	<b><i>0,041</i></b>
>12	159 (71,3)	336 (78,3)		149 (68,0)	229 (59,3)	
<b>Atualmente empregado</b>						
Não	169 (75,8)	349 (81,7)	<i>0,092</i>	168 (77,8)	293 (77,1)	<i>0,931</i>
Sim	54 (24,2)	78 (18,3)		48 (22,2)	78 (22,9)	
<b>Rendimento mensal do agregado</b>						
Até 1000€	38 (20,2)	93 (24,3)	<i>0,047</i>	22 (11,2)	65 (18,2)	<i>0,146</i>
1001 até 1500€	56 (29,8)	74 (19,4)		47 (24,0)	72 (20,2)	
1501 até 2500€	54 (28,7)	119 (31,2)		54 (27,6)	99 (27,7)	
>2500€	40 (21,3)	96 (25,1)		73 (37,2)	121 (33,9)	
<b>Percepção rendimentos</b>						
Insuficientes	103 (46,2)	180 (42,1)	<i>0,354</i>	67 (30,9)	162 (42,0)	<b><i>0,009</i></b>
Suficientes	120 (53,8)	248 (57,9)		150 (69,1)	224 (58,0)	
<b>Classe social</b>						
Baixa/Média baixa	141 (63,2)	240 (56,1)	<i>0,211</i>	104 (47,5)	238 (61,5)	<b><i>0,001</i></b>
Média alta/Alta	72 (32,3)	164 (38,3)		94 (42,9)	132 (34,1)	
Nenhuma	10 (4,2)	24 (5,6)		21 (9,6)	17 (4,4)	

Na **Tabela 6** apresentamos os resultados para o envolvimento em atos de violência sexual. Verificamos que tanto entre os participantes do sexo feminino como os participantes do sexo masculino, nenhuma das características socioeconômicas se associou significativamente com o envolvimento em atos de coerção sexual.

**Tabela 6.** Características socioeconômicas de acordo com o envolvimento em atos de violência sexual no namoro de acordo com o sexo.

Violência Sexual	Sexo feminino			Sexo masculino		
	Não n (%)	Sim n (%)	<i>p</i>	Não n (%)	Sim n (%)	<i>p</i>
<b>Escolaridade (anos)</b>						
<=12	113 (24,8)	44 (22,4)	0,590	148 (39,5)	79 (34,3)	0,240
>12	343 (75,2)	152 (77,6)		227 (60,5)	151 (65,7)	
<b>Atualmente empregado</b>						
Não	357 (78,5)	161 (82,6)	0,233	288 (77,2)	173 (77,6)	0,998
Sim	98 (21,5)	34 (17,4)		85 (22,8)	50 (22,4)	
<b>Rendimento mensal do agregado</b>						
Até 1000€	92 (23,4)	39 (22,2)	0,857	49 (14,3)	38 (18,0)	0,565
1001 até 1500€	86 (21,8)	44 (25,0)		71 (20,8)	48 (22,7)	
1501 até 2500€	122 (31,0)	51 (25,0)		98 (28,7)	55 (26,1)	
>2500€	94 (23,9)	42 (23,9)		124 (36,3)	70 (33,2)	
<b>Percepção rendimentos</b>						
Insuficientes	204 (44,8)	79 (40,3)	0,326	134 (35,8)	95 (41,5)	0,193
Suficientes	251 (55,2)	117 (59,7)		240 (64,2)	134 (58,5)	
<b>Classe social</b>						
Baixa/Média baixa	266 (58,5)	115 (58,7)	0,534	211 (56,1)	131 (57,0)	0,492
Média alta/Alta	168 (36,9)	68 (34,7)		138 (36,7)	88 (38,3)	
Nenhuma	21 (4,6)	13 (6,6)		27 (7,2)	11 (4,8)	

Os dados afetos às características socioeconômicas de acordo com o envolvimento em atos de violência física no namoro estão representados na **Tabela 7**. Entre os participantes do sexo feminino, não se encontraram diferenças estatisticamente significativas no envolvimento em violência física de acordo com as características socioeconômicas. No entanto, entre os participantes do sexo masculino, verificou-se que o envolvimento em violência física era mais frequente entre os rapazes menos escolarizados, com baixos rendimentos, que percecionavam os seus rendimentos como insuficientes e que se classificavam numa classe social baixa/média. Apenas a situação de emprego não se associou significativamente com o envolvimento em atos de violência nos participantes do sexo masculino.

**Tabela 7.** Características socioeconômicas de acordo com o envolvimento em atos de violência física no namoro de acordo com o sexo.

Violência Física	Sexo feminino			Sexo masculino		
	Não n (%)	Sim n (%)	<i>p</i>	Não n (%)	Sim n (%)	<i>p</i>
<b>Escolaridade (anos)</b>						
<=12	123 (24,4)	34 (23,1)	<i>0,844</i>	166 (34,9)	61 (47,3)	<b>0,013</b>
>12	382 (75,6)	113 (76,9)		310 (65,1)	68 (52,7)	
<b>Atualmente empregado</b>						
Não	396 (78,6)	122 (83,6)	<i>0,229</i>	371 (78,8)	90 (72,0)	<i>0,137</i>
Sim	108 (21,4)	24 (16,4)		100 (21,2)	35 (28,0)	
<b>Rendimento mensal do agregado</b>						
Até 1000€	103 (23,3)	28 (22,0)	<i>0,858</i>	59 (13,6)	28 (23,7)	<b>0,038</b>
1001 até 1500€	102 (23,0)	28 (22,0)		97 (22,3)	22 (18,6)	
1501 até 2500€	136 (30,7)	37 (29,1)		119 (27,4)	34 (28,8)	
>2500€	102 (23,0)	34 (26,8)		160 (36,8)	34 (28,8)	
<b>Percepção rendimentos</b>						
Insuficientes	221 (43,8)	62 (42,2)	<i>0,791</i>	167 (35,2)	62 (48,4)	<b>0,008</b>
Suficientes	283 (56,2)	85 (57,8)		308 (64,8)	66 (51,6)	
<b>Classe social</b>						
Baixa/Média baixa	299 (59,3)	82 (55,8)	<i>0,651</i>	257 (53,9)	85 (65,9)	<b>0,049</b>
Média alta/Alta	178 (35,3)	58 (39,5)		189 (39,6)	37 (28,7)	
Nenhuma	27 (5,4)	7 (4,8)		31 (6,5)	7 (5,4)	

A **Tabela 8** compara o envolvimento em violência considerando o nunca ter estado envolvido, ter estado envolvido em violência apenas psicológica e ter estado envolvido nos outros tipos de violência ou formas combinadas. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas no envolvimento em violência de acordo com as características socioeconômicas, tanto no sexo feminino como no sexo masculino.

**Tabela 8.** Envolvimento em atos de violência e características socioeconômicas de acordo com o sexo.

Tipo de Violência	Sexo feminino			Sexo masculino		
	Nenhum n (%)	Apenas psicológica n (%)	Outras formas/ sobreposições n (%)	Nenhum n (%)	Apenas psicológica n (%)	Outras formas/ sobreposições n (%)
<b>Escolaridade (anos)</b>						
<=12	49 (26,2)	45 (22,2)	59 (24,1)	54 (32,3)	65 (43,6)	104 (38,2)
>12	138 (73,8)	158 (77,8)	186 (75,9)	113 (67,7)	84 (56,4)	168 (61,8)
		<i>p=0,648</i>			<i>p=0,117</i>	
<b>Atualmente empregado</b>						
Não	145 (77,5)	162 (79,8)	197 (80,7)	132 (79,0)	118 (78,7)	204 (75,3)
Sim	42 (22,5)	41 (20,2)	47 (19,3)	35 (21,0)	32 (21,3)	67 (24,7)
		<i>p=0,711</i>			<i>p=0,584</i>	
<b>Rendimento mensal do agregado</b>						
Até 1000€	28 (17,7)	49 (27,2)	53 (24,4)	15 (10,0)	21 (15,1)	49 (19,7)
1001 até 1500€	48 (30,4)	32 (17,8)	44 (20,3)	34 (22,7)	27 (19,4)	52 (20,9)
1501 até 2500€	48 (30,4)	55 (30,6)	67 (30,9)	47 (31,3)	36 (25,9)	68 (27,3)
>2500€	34 (21,5)	44 (24,4)	53 (24,4)	54 (36,0)	55 (39,6)	80 (32,1)
		<i>p=0,106</i>			<i>p=0,219</i>	
<b>Percepção rendimentos</b>						
Insuficientes	85 (45,5)	92 (45,5)	97 (39,6)	53 (32,1)	56 (37,3)	115 (42,4)
Suficientes	102 (54,5)	110 (54,5)	148 (60,4)	112 (67,9)	94 (62,7)	156 (57,6)
		<i>p=0,343</i>			<i>p=0,096</i>	
<b>Classe social</b>						
Baixa/Média baixa	116 (62,0)	113 (55,9)	143 (58,4)	80 (48,2)	93 (62,0)	161 (59,2)
Média alta/Alta	63 (33,7)	78 (38,6)	88 (35,9)	71 (42,8)	49 (32,7)	99 (36,4)
Nenhuma	8 (4,3)	11 (5,4)	14 (5,7)	14 (9,0)	8 (5,3)	12 (4,4)
		<i>p=0,785</i>			<i>p=0,055</i>	

## **DISCUSSÃO**

### **Prevalência dos tipos de violência no namoro**

Os nossos resultados mostraram que a violência psicológica e a coerção sexual foram, nesta ordem, os tipos de violência mais frequentes entre os jovens, seja na forma de agressão ou vitimização. A maioria dos estudos mostra que a violência psicológica é o tipo de violência mais frequente (63, 64), no entanto, relativamente à coerção sexual, alguns estudos mostram que este tipo de violência tende a ser mais baixo que a prevalência de violência física (63, 65). Os nossos resultados mostram que a coerção sexual é o segundo tipo de violência mais frequente entre os jovens, contudo este resultado já foi observado noutros estudos (66). Esta inconsistência entre os estudos poderá ser explicada pela utilização de diferentes instrumentos de avaliação do comportamento violento e conseqüentemente pela definição de violência sexual assumida. As táticas de coerção sexual, para além do uso da força e ameaças com armas, incluem formas não físicas de pressão para coagir o parceiro a participar em atos sexuais. Assim, o que poderá explicar esta elevada prevalência de atos de coerção sexual no nosso estudo é o facto de a “insistência” ser a tática mais frequentemente reportada quer por parte das vítimas quer por parte dos agressores [dados não apresentados]. Também é conhecido que o período da adolescência ou início da juventude é particularmente vulnerável para a ocorrência de episódios de coerção sexual e isso deve-se às dificuldades no processo de comunicação entre os jovens no contexto de um relacionamento (11).

### **Bidirecionalidade da violência no namoro**

Ao estratificarmos os resultados de acordo com a frequência de agressão e vitimização, verificamos que tanto os indivíduos do sexo feminino como os do sexo masculino reportam ser vítimas e agressores no namoro. Outros estudos obtiveram resultados similares, por exemplo um estudo (67) realizado com estudantes de universidades do México e Estados Unidos da América mostraram que 33,7% dos participantes reportaram ter agredido os seus parceiros nos últimos doze meses e 11,4% referiram ter agredido severamente o seu parceiro, não tendo sido encontradas diferenças no que diz respeito ao género. Um outro estudo que teve como objetivo avaliar a prevalência, bem como os preditores de vitimização, perpetuação e a bidirecionalidade da violência física no namoro, numa amostra de mulheres

adolescentes e jovens adultas com idades entre os 15-24 anos de idade, verificou que 34% das mulheres que estavam numa relação reportaram ter sofrido pelo menos um episódio de violência física durante o ano que precedeu o inquérito (68). Por outro lado, 31% reportou ter perpetrado esses comportamentos físicos violentos. Destas mulheres, 3% reportaram ter sido apenas vítimas, 12% apenas agressoras e 19% agressoras e vítimas (bidirecional) (68). Outro estudo realizado com 408 adolescentes estudantes do segundo ano do ensino médio das escolas públicas e privadas da cidade do Recife teve como objetivo investigar a prevalência da violência física e psicológica e o seu padrão de direccionalidade de acordo com o sexo. A maioria dos adolescentes (83,9%) afirmou ter perpetrado e sofrido violência física e/ou psicológica no namoro, 2,5% apenas perpetrado e 2,8% apenas sofrido. Após a análise da violência física os investigadores verificaram que em 14,2% dos relacionamentos ambos os parceiros eram violentos (bidirecional). Comparando os resultados por sexo, observaram que a percentagem de raparigas com perfil de apenas perpetuação (10,0%) era maior do que nos rapazes (1,5%). Paralelamente, os rapazes apresentaram maior percentagem no perfil de apenas vitimização (11,0%) do que as raparigas (1,1%). Ou seja, este estudo demonstra que na violência no namoro não existe diferenças estatisticamente significativas de acordo com o sexo e que esta violência é bidirecional (83,9%) (69).

Relativamente ao nosso estudo, os nossos resultados mostram que a prevalência do uso de diferentes tipos de violência era similar quando reportado em termos de agressão como vitimização, assim, optou-se por sobrepor as diferentes frequências, o que permitiu observar uma simetria no envolvimento em atos de violência no namoro. Por exemplo, aqueles que se envolviam em violência psicológica eram, simultaneamente, agressores e vítimas de violência. Por outro lado, aqueles que eram apenas vítimas de violência de um dos tipos podiam ser agressores de outro tipo de violência, assim como aqueles que eram apenas agressores de um tipo de violência podiam ser vítimas de outro tipo de violência [dados não apresentados]. Não seria possível caracterizar os indivíduos apenas agressores ou apenas vítimas se considerarmos a frequência dos diferentes tipos de violência. Esta observação levou a que tivéssemos optado por agregar a frequência do envolvimento em violência considerando atos de agressão e de vitimização. Apesar do número ser pequeno, a análise foi testada estratificando o envolvimento em cada tipo de violência em termos de apenas agressão, apenas vitimização ou agressão e vitimização, verificando-se que existia uma distinção entre os que não se envolveram em violência e aqueles que

estiveram envolvidos em violência quer enquanto agressor, quer enquanto vítima ou enquanto ambos.

Apesar dos nossos resultados apontarem para a bidirecionalidade na violência do namoro, também mostra algumas especificidades relativamente ao género. Na coerção sexual, os rapazes reportam mais frequentemente terem sido apenas agressores, enquanto as raparigas reportam mais frequentemente terem sido apenas vítimas de coerção sexual. Por outro lado, enquanto elas mencionam ser mais frequentemente apenas agressoras de violência física, eles referem ser mais frequentemente as vítimas.

Um estudo realizado com jovens polacos (70) que também utilizou a CTS2, constatou que para os homens a prevalência de agressão psicológica, física e sexual é de 77%, 36%, 42%, respetivamente, enquanto para as mulheres é de 89%, 48%, 40%. Neste estudo tanto homens como mulheres apresentam percentagens elevadas de violência física e coerção sexual, sendo que as mulheres são mais frequentemente agressoras de violência física comparando com os homens, contudo, relativamente à coerção sexual, não existem diferenças significativas entre homens e mulheres embora a prevalência seja ligeiramente mais elevada entre os homens. Outros estudos que avaliaram a coerção sexual no namoro também demonstraram que as mulheres são frequentemente vítimas deste tipo de violência e os homens são agressores (71, 72). Embora o nosso estudo não permita explorar o contexto em que a coerção sexual ocorre, o uso de atos coercivos sexuais por parte do sexo masculino pode ser explicado por fatores biológicos e pelo processo de socialização. As formas de coerção, a capacidade de imposição da força e competências de resistência não são semelhantes entre os homens e mulheres devido às próprias diferenças biológicas, bem como os diferentes processos de socialização em relação ao uso da força e à sexualidade.

O facto de observarmos que as mulheres são mais frequentemente agressoras de violência física comparativamente com os homens não era um resultado expectável, embora já tenha sido observado anteriormente (38). Uma das explicações apontadas para esta observação é o fato das mulheres estarem a reagir aos ataques dos seus parceiros, por exemplo, para se autodefenderem ou retaliarem (73). Existe literatura que defende que os rapazes recorrem maioritariamente à violência física, por exemplo, quando estão irritados e pretendem controlar as namoradas, enquanto as raparigas recorrem à violência física para se defenderem (41, 42). Por outro lado, tem sido

sugerido que as mulheres tendem a usar objetos para agredir os parceiros (74), o que pode explicar o facto de elas reportarem um maior uso da violência física.

Face a estes resultados, devemos ressaltar que tanto os rapazes como as raparigas reportam o envolvimento em atos de violência para resolver os conflitos no namoro, contudo as razões que levam uns e outros a fazerem uso deste tipo de violência pode ser distinto. O nosso estudo não permitiu avaliar o contexto em que cada episódio ocorreu, portanto não é possível compreendermos as motivações para o uso de violência.

A questão da simetria de violência na conjugalidade tem sido alvo de discussão na comunidade científica. Na literatura observa-se a existência de duas correntes que se contrapõem nos estudos sobre violência no namoro: a corrente que defende a existência de simetria na violência e a corrente que defende a existência da assimetria nas relações de género. A corrente que defende a existência de simetria na violência entre namorados, numa perspetiva generalista, afirma que no casal a violência pode ser exercida tanto pelo homem como pela mulher, igualmente, embora com diferentes dinâmicas, frequências, objetivos e consequências.

Porém, algumas críticas são mencionadas a esta perspetiva de simetria no relacionamento íntimo: em primeiro lugar porque tende a não haver uma contextualização da violência, ou seja, não se sabe se esta violência ocorreu em resposta a uma violência sofrida anteriormente, se constitui um exercício de dominação ou se surge como autodefesa. De facto, a utilização do instrumento CTS2 não permite conhecer o contexto em que os episódios de violência ocorreram.

A outra corrente defende que a violência é fruto da assimetria das relações de género. Segundo Matos esta corrente procura compreender os fatores que sustentam a violência nas relações sociais e advoga que, nas relações violentas não há simetrias, elas tendem a ser assimétricas (75). Essa perspetiva tem como referência o feminismo que afirma a influência dos processos históricos, culturais, políticos e ideológicos para a estagnação e o fortalecimento da ordem patriarcal, ao nível social e familiar.

Contudo, embora existam opiniões divergentes quanto à simetria da violência nas relações entre namorados, parece existir consenso no que se refere às consequências da violência, isto é, a mulher tende a sofrer maiores consequências quando é vítima de violência, particularmente em termos de saúde reprodutiva (76, 77).

### **Concomitância dos tipos de violência**

No sentido de melhor compreender a dinâmica do envolvimento em violência no namoro, efetuamos uma análise no sentido de perceber se os jovens recorriam simultaneamente a diferentes atos de violência ou se haviam sido exclusivos. Os nossos resultados mostram que 31,1% dos participantes do sexo feminino e 24,8% dos participantes do sexo masculino estiveram envolvidos em violência apenas do tipo psicológica. Considerando apenas os participantes que reportaram pelo menos um ato de violência, verificamos que entre os participantes do sexo feminino, 45,3% indicaram atos de violência exclusivamente psicológica e entre os participantes do sexo masculino esta proporção foi 35,5%. Embora a proporção de violência exclusivamente psicológica seja elevada, verificamos também uma concomitância expressiva entre os diferentes tipos de violência, por exemplo, em ambos os sexos se verificou que mais de 10% dos jovens reportaram simultaneamente o envolvimento nos três tipos de violência: psicológica, sexual e física.

### **Características socioeconómicas e violência no namoro**

O nosso estudo permitiu explorar a relação entre as características socioeconómicas e o envolvimento em violência no namoro. Embora a violência afete os parceiros adultos de todos os estratos sociais tem sido demonstrado que o estatuto socioeconómico desfavorável está positivamente associado à violência entre parceiros adultos (78, 79), esta relação permanece pouco clara relativamente ao namoro. Enquanto alguns estudos mostram que o estatuto socioeconómico se associa inversamente com a violência no namoro (80-82), outros estudos não encontraram esta relação entre as duas variáveis (82-84).

A análise dos nossos resultados permite observar diferenças de género na relação entre violência psicológica e as características socioeconómicas, enquanto as raparigas que estão envolvidas em atos de violência psicológica tendem a ser as mais escolarizadas, com rendimentos mais elevados, percebemos que entre os rapazes, aqueles que se envolvem mais frequentemente em atos de violência psicológica são os menos escolarizados e os que pertencem a um agregado familiar com rendimentos mais baixos.

Uma vez que a frequência de violência psicológica exclusiva foi bastante elevada optámos por repetir a análise diferenciando esta forma de violência das restantes. Não se verificou diferenças estatisticamente significativas, no entanto, percebemos que as

características das raparigas e rapazes que sofrem apenas de violência psicológica estão bastante próximas daqueles que sofrem outras formas de violência/sobreposições.

Relativamente à relação das características socioeconómicas dos jovens e a violência física, o nosso estudo mostra que entre os participantes do sexo masculino, o envolvimento em violência física era mais frequente entre os rapazes menos escolarizados, com baixos rendimentos, que percecionavam os seus rendimentos como insuficientes e que se classificavam numa classe social baixa/média. Entre os participantes do sexo feminino, não se verificou uma associação estatisticamente significativa entre as características socioeconómicas e a violência no namoro.

Os nossos resultados mostram que a relação das características socioeconómicas e a violência no namoro difere de acordo com o género. Verificamos que o envolvimento em violência psicológica tende a ser mais frequente entre as raparigas de estrato social mais favorecido, enquanto o envolvimento em violência psicológica e violência física é mais frequente entre os rapazes de estrato social mais desfavorecido. Um estudo Americano com dados longitudinais também mostrou que, por exemplo, a relação das características socioeconómicas da família e da escola com a violência no namoro era diferente de acordo com o género (85). Entre os rapazes, a violência no namoro não se associou com a família ou com a escola, enquanto entre as raparigas, aquelas que pertenciam a uma família socioeconomicamente desfavorecida apresentavam maior probabilidade de envolvimento em violência no namoro. No entanto, este efeito era modificado pela escola, ou seja, esta relação era significativamente mais forte entre aquelas que frequentavam escolas socioeconomicamente mais favorecidas, o que argumenta no sentido de que o contexto influencia a probabilidade de envolvimento em violência.

As características socioeconómicas não se associaram significativamente com o envolvimento em atos de coerção sexual, tanto no sexo feminino como no sexo masculino.

Outros fatores que não foram considerados por este estudo poderão estar a mediar a relação entre as características socioeconómicas e o envolvimento em violência, como por exemplo o contexto em que os indivíduos vivem.

## **Forças e limitações do estudo**

O tamanho da amostra analisada representa uma força do nosso estudo, dado que a maioria dos estudos que abordam esta problemática tendem a utilizar amostras mais pequenas e muitas das vezes amostras de conveniência.

Embora o instrumento do CTS2 seja alvo de críticas, é o instrumento que tem sido utilizado na maioria dos estudos para avaliar a violência entre parceiros (73). Este instrumento foi validado e construído com base na teoria do conflito e da teoria dos sistemas familiares e mede os comportamentos dos dois parceiros, mesmo quando apenas um é testado e pode, neste sentido, ser usado para classificar os casos consoante os três tipos de envolvimento: vítima, agressor ou vítima e agressor. Uma potencial limitação deste método surge quando apenas um dos parceiros é testado e responde sobre os dois sujeitos, podendo assim considerar o outro parceiro mais violento do que ele (73).

Na nossa análise não avaliamos a frequência dos atos violentos, isto é, o número de vezes que cada ato foi cometido ou sofrido. Esta análise poderia discriminar melhor algumas diferenças, particularmente diferenças de género. No entanto, uma recente análise à cronicidade dos atos violentos ocorridos em homens e mulheres adultos da população geral demonstrou que não havia diferenças de género quando a frequência dos atos era considerada para além das diferenças encontradas no uso de coerção sexual e violência física (86).

Uma das desvantagens do nosso estudo é o facto de não conhecermos o contexto em que estes episódios de violência ocorreram, ou seja, quando um participante reporta a agressão de violência física pode ser um ato de dominação ou um ato de defesa. Na nossa abordagem estamos a focar a problemática na resolução de conflitos no namoro através do uso de táticas violentas.

Para avaliar a relação com as características socioeconómicas e a violência no namoro recorreremos a variáveis individuais que parecem discriminar bem o estatuto socioeconómico dos nossos participantes, no entanto, outros fatores que não foram considerados neste estudo poderão estar a mediar a relação entre as características socioeconómicas e a violência no namoro, como por exemplo, o contexto em que os indivíduos vivem.

## CONCLUSÃO

Este estudo permitiu apresentar as seguintes conclusões:

Atos de violência são frequentemente usados entre os jovens no contexto de uma relação de namoro, sendo a violência psicológica e a coerção sexual os tipos de violência mais reportados.

Os nossos resultados apontam para a violência bidirecional, ou seja, a maioria dos participantes foi simultaneamente vítima e agressor de violência. Os resultados mostram ainda que os jovens podem estar envolvidos em mais do que um tipo de violência ou então ser vítima de um tipo de violência e agressor de outro tipo. Na coerção sexual, o sexo masculino reporta mais frequentemente ter sido apenas agressor enquanto o sexo feminino reporta ter sido apenas vítima, o contrário ocorre na violência física.

O género e o contexto socioeconómico condicionam não só o envolvimento em violência no namoro como o tipo de violência predominante. Entre os participantes do sexo feminino, aquelas de estatuto socioeconómico mais favorecido envolveram-se mais frequentemente em atos de violência psicológica, enquanto os participantes do sexo masculino de estatuto socioeconómico menos favorecido envolveram-se mais frequentemente em violência do tipo psicológica e física.

Os nossos resultados suportam a necessidade dos jovens serem alvo de intervenção no sentido de adquirirem competências e estratégias de comunicação para lidar com conflitos no contexto de uma relação de intimidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Centers for Disease Control and Prevention. Achievements in Public Health, 1900-1999: Control of Infectious Diseases. Morbidity and mortality weekly report. 1999;48(29):621-29.
2. Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Health Statistics. Leading causes of death, 1900-1998.
3. Office of the Surgeon General (US), National Center for Injury Prevention and Control (US), National Institute of Mental Health (US), Center for Mental Health Services (US). Youth Violence: A Report of the Surgeon General. Rockville (MD): Office of the Surgeon General (US). 2001;Chapter 2 -- the Magnitude of Youth Violence.
4. US Department of Health Education and Welfare. Healthy People: The Surgeon General's Report on Health Promotion and Disease Prevention. Washington, DC: US Government Printing Office; 1979.
5. LL D, JA M. History of violence as a public health problem. AMA Virtual Mentor. 2009;11(2):167-72.
6. Rosenberg ML BA, Mercy J, Narasimhan V, Waters H, Marshall MS. Interpersonal Violence. In: Jamison DT BJ, Measham AR, Alleyne G, Claeson M, Evans DB, et al., editors, editor. Disease Control Priorities in Developing Countries. Washington DC: The International Bank for Reconstruction and Development/The World Bank Group; 2006.
7. Blaser MJ JJ, Weniger BG, Elsea WR, Finton RJ, Hanson RA, et al. Epidemiologic analysis of a cluster of homicides of children in Atlanta. JAMA : the journal of the American Medical Association. 1984;251(24):3255-8.
8. Davidson LE RM, Mercy JA, Franklin J, Simmons JT. An epidemiologic study of risk factors in two teenage suicide clusters. JAMA : the Journal of the American Medical Association. 1989;262(19):2687-92.
9. Chaux E MA, Podlesky P. Socio-economic, socio-political and socio-emotional variables explaining school bullying: a country-wide multilevel analysis. Aggressive Behavior. 2009;35:1-10.

10. World Health Assembly. Prevention of violence: a public health priority, Forth-Ninth World Health Assembly. Resolution WHA49.25. Geneva: World Health Organization; 1996.
11. Krug EG DL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R, editors. The world report on violence and health. Lancet. 2002;360:1083-88.
12. Waters H, Hyder, A., Rajkotia, Basus, Rehwinkel, J.A., Butchart, A. The economic dimensions of interpersonal violence. Geneva: Department of Injuries and Violence Prevention, World Health Organization; 2004.
13. Institute for Health Metrics and Evaluation. The Global Burden of Disease: Generating Evidence, Guiding Policy. Seattle, WA: Institute for Health Metrics and Evaluation; 2013.
14. World Health Organization. World report on violence and health. Geneva: 2002.
15. Devries KM MJ, Garcia-Moreno C, Petzold M, Child JC, Falder G, et al. Global health. The global prevalence of intimate partner violence against women. Science. 2013;340(6140):1527-8. Epub 2013/06/22.
16. World Health Organization. Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and nonpartner sexual violence. Geneva2013.
17. Stets JE, Strauss MA. The marriage license as a hitting license: A comparison of assaults in dating, cohabiting, and married couples. Journal of Family Violence. 1989;4:161-80.
18. Reid RJ BA, Rivara FP, Anderson ML, Fishman PA, Carrell DS, et al. Intimate partner violence among men prevalence, chronicity, and health effects. American Journal of Preventive Medicine. 2008;34(6):478-85. Epub 2008/05/13.
19. Desmarais S RK, Nicholls T, Telford R, Fiebert M. Prevalence of Physical Violence in Intimate Relationships: Part 1. Rates of Male and Female Victimization. . Partner Abuse. 2012;3(2):1-6.
20. Khalifeh H HJ, Howard L, Birdthistle I. . Intimate partner violence and socioeconomic deprivation in England: findings from a national cross-sectional survey. American Journal of Public Health. 2013;103(3):462-72.

21. Sorensen J KM, Gudex C, Helweg-Larsen K, Bronnum-Hansen H. Physical violence and health-related quality of life: Danish cross-sectional analyses. *Health and Quality of Life Outcomes*. 2012;10:113. Epub 2012/09/19.
22. Nybergh L TC, Enander V, Krantz G. Self-reported exposure to intimate partner violence among women and men in Sweden: results from a population-based survey. *BioMed Central Public Health*. 2013;13:845. Epub 2013/09/17.
23. Lövestad S KG. Men's and women's exposure and perpetration of partner violence: an epidemiological study from Sweden. *BioMed Central Public Health*. 2012;Nov 2(12 (1)):945.
24. Costa D, Ioannidi-Kapolou E, Lindert J, Sundin O, Soares JJF, Toth O, et al. Intimate partner violence and health-related quality of life in European men and women: findings from the DOVE study. *Quality of Life Research*. 2014.
25. Muñoz-Rivas M, Graña JL, O'Leary KD. Aggression in adolescent dating relationships: prevalence, justification, and health consequences. *Journal of Adolescent Health*. 2007;40:298-304.
26. Dornbush S, Varlsmith, J., Gross, R., Martin, J., Jennings, D., Rosenberg, A., Duke, P. Sexual development, age and dating: a comparison of biological and social influences upon set of behaviors. *Child Development*. 1981;52:179-85.
27. Araújo MF. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*. 2002;22(2).
28. Almanzor CV, Jiménez VS, Ruiz OR. The importance of adolescent dating relationships. *Psicothema*. 2013;25(1):43-8.
29. Schmitt S, Imbelloni M. Relações amorosas na sociedade contemporânea. *PsicologiaPT O portal dos psicólogos*. 2011. Epub 24-09-2011.
30. Ferreira LHM, Fiorini LN. Concepções sobre relacionamentos amorosos na contemporaneidade: um estudo com universitários.
31. Justo JS. O "ficar" na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Revista do Departamento de Psicologia - UFF*. 2005;17(1):61-77.
32. Jesus JSO. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*. 2005;6(1):67-73.

33. Bertoldo RB, Barbará A. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *Psico - USF*. 2006;11(2):229-37.
34. Oliveira MS. Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro. Porto: Universidade do Porto; 2009.
35. Dixe M, Rodrigues AL, Freire C, Rodrigues G, Fernandes M, Dias T. A violência de género na relação de namoro em estudantes do ensino superior: práticas e comportamento de violência. VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia; Braga2010.
36. Shorey RC, Febres J, Brasfield H, Zucosky H, Cornelius TL, Stuart GL. Reactions to Dating Violence Research: Do Difficulties with Distress Tolerance Increase Negative Reactions? *Journal of Family Violence*. 2013;28(5):479-87. Epub 2013/09/28.
37. Sugarman DB, Hotaling GT. Dating violence: prevalence, context, and risk markers. In: Stets AAP-GJE, editor. *Violence in dating relationships: emerging social issues*. New York: Praeger; 1989. p. 3-31.
38. Straus MA. Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*. 2004;10(7):790-811.
39. Mars T, Valdez, A. Adolescent dating violence: understanding what is "at risk?". *Journal of Emergency Nursing*. 2007;33:492-4.
40. Almeida T. A violência no namoro. In: Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social DdPC-I, editor. *Saúde mental e violência: contribuições no campo da psicologia clínica social*; São Paulo2008. p. 136-46.
41. National Youth Violence Prevention Resource Center. Facts for teens: teen dating violence. Available from: [http://www.unified-solutions.org/Pubs/teen\\_dating\\_violence.pdf](http://www.unified-solutions.org/Pubs/teen_dating_violence.pdf).
42. Kelly K. Information from...The National Clearinghouse on Family Violence. Dating violence. Ottawa, Ontario.
43. Dahlberg LL, Krug EG. Violence: a global public health problem. *World Report Violence and Health*. Geneva: World Health Organization; 2002.

44. Fraga S, Lindert J, Barros H, Torres-Gonzalez F, Ioannidi-Kapolou E, Melchiorre MG, et al. Elder abuse and socioeconomic inequalities: a multilevel study in 7 European countries. *Preventive Medicine*. 2014;61:42-7. Epub 2014/01/21.
45. Lewis S, Fremouw, W. Dating violence: a critical review of the literature. *Clinical Psychology Review*. 2001;21:105-27.
46. Scheidell JD. Measurement of Gender Equity: A Clarification. *American Journal of Public Health*. 2014. Epub 2014/01/18.
47. Vezina JH, M. Risk factors for victimization in romantic relationships of young women. *Trauma violence abuse*. 2007;8:33-66.
48. Thompson MP. Risk and Protective Factors for Sexual Aggression and Dating Violence: Common Themes and Future Directions. *Trauma, Violence and abuse*. 2014. Epub 2014/01/30.
49. National Center for Injury Prevention and Control. Understanding Teen Dating Violence2012 07-08-2014. Available from: <http://www.cdc.gov/ViolencePrevention/pdf/TeenDatingViolence2012-a.pdf>.
50. Family Violence Prevention Found. The facts on teens and dating violence. 2009.
51. Toscano SE. "My Situation Wasn't that Unique": The Experience of Teens in Abusive Relationships. *Journal of Pediatric Nursing*. 2014;29(1):65-73. Epub 2013/09/18.
52. Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. [17-07-2013]; Available from: <http://www.apavparajovens.pt/pt/go/como-se-sente-a-vitima1>.
53. Magalhães MJ. A violência nas relações de intimidade: um contributo para a definição de alguns conceitos. Centro de Investigação e Intervenção Educativas - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto2005.
54. Makepeace JM. Social factors and victim offender differences in courtship violence. *Family Relations*. 1987;36 (1):87-91.
55. Sigelman CK, Berry CJ, Wiles KA. Violence in college students' dating relationships. *Journal of Applied Social Psychology*. 1984;5 (6):530-48.

56. O'Keefe M, Aldridge L. Teen Dating Violence: A Review of Risk Factors and Prevention Efforts 2011. Available from: [http://www.vawnet.org/applied-research-papers/print-document.php?doc\\_id=409](http://www.vawnet.org/applied-research-papers/print-document.php?doc_id=409).
57. United Nations. Orange Day. 2014; Available from: <http://www.un.org/en/women/endviolence/orangeday.shtml>.
58. Department of Health and Human Services. Preventing Intimate Partner & Sexual Violence: Program Activities Guide. 2005.
59. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Campanha "Maltrato Zero". 2014; Available from: <http://www.cig.gov.pt/campanhas/campanha-maltrato-zero/>.
60. Ramos E, Barros, H. Prevalência de hipertensão arterial em adolescentes de 13 anos da cidade do Porto. Revista Portuguesa de Cardiologia. 2005;24(9):1075-89.
61. Ramos E, Barros, H. Family and school determinants of overweight in 13-year-old Portuguese adolescents. Acta Pediátrica 2007;96(2):281-6.
62. Alexandra C, Figueiredo B. Versão portuguesa das "Escala de Táticas de Conflito Revisadas": estudo de validação. Psicologia: Teoria e Prática. 2006;8 (2):14-39.
63. National Institute of Justice. Prevalence of Teen Dating Violence. Estados Unidos da América 2014 [18-08-2014]; Available from: <http://www.nij.gov/topics/crime/intimate-partner-violence/teen-dating-violence/Pages/prevalence.aspx>.
64. Claiborne L. Teen relationship abuse survey. Teen Research Unlimited. 2006:16.
65. Jezl D, Molidor C, Wright T. Physical, sexual and psychological abuse in high school dating relationships: Prevalence rates and self-esteem issues. Child and Adolescent Social Work Journal. 1996;13(1):69-87.
66. Lysova AV, Douglas EM. Intimate partner violence among male and female Russian university students. Journal of Interpersonal Violence. 2008;23 (11):1579-99. Epub 2008 Mar 18.

- 67.** Straus MA, Ramirez IL. Gender symmetry in prevalence, severity, and chronicity of physical aggression against dating partners by university students in Mexico and USA. *Aggressive Behavior*. 2007;33:281-90.
- 68.** Palmetto N, Davidson LL, Breitbart V, Rickert VI. Predictors of physical intimate partner violence in the lives of young women: victimization, perpetration, and bidirectional violence. *Violence and Victims*. 2013;28(1):103-21. Epub 2013/03/26.
- 69.** Barreira AK, Lima MLCd, Bigras M, Njaine K, Assis SG. Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2014;17:217-28.
- 70.** Doroszewicz K, Forbes GB. Experiences with dating aggression and sexual coercion among Polish college students. *Journal of Interpersonal Violence*. 2008;23(1):58-73. Epub 2007/12/19.
- 71.** Tjaden P, Thoennes N. Full Report of the Prevalence, Incidence, and Consequences of Intimate Partner Violence Against Women: Findings from the National Violence Against Women Survey. United States Department of Justice, National Institute of Justice. 2000:74.
- 72.** Waldner-Haugrud LK, Magruder B. Male and female sexual victimization in dating relationships: gender differences in coercion techniques and outcomes. *Violence and Victims*. 1995;10(3):203-15. Epub 1995/01/01.
- 73.** Straus MA, Mickey EL. Reliability, validity, and prevalence of partner violence measured by the conflict tactics scales in male-dominant nations. *Aggression and Violent Behavior*. 2012;17:463-74.
- 74.** Alvim SF, Souza L. Violência conjugal em uma perspectiva relacional: Homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: Teoria e Prática*. 2005;7(2):171-206.
- 75.** Matos M. Violência nas relações de intimidade : estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher. Minho: Universidade do Minho; 2006.
- 76.** Azevedo AC, Araújo TV, Valongueiro S, Ludermir AB. Intimate partner violence and unintended pregnancy: prevalence and associated factors. *Cadernos Saúde Pública*. 2013;29(12):2394-404. Epub 2013/12/21.
- 77.** Campbell JC. Health consequences of intimate partner violence. *Lancet*. 2002;359(9314):1331-6. Epub 2002/04/20.

- 78.** Breiding MJ, Black MC, Ryan GW. Prevalence and risk factors of intimate partner violence in eighteen U.S. states/territories, 2005. *American Journal of Preventive Medicine*. 2008;34(2):112-8. Epub 2008/01/19.
- 79.** Cunradi CB, Caetano R, Schafer J. Socioeconomic predictors of intimate partner violence among White, Black, and Hispanic couples in the United States. *Journal of Family Violence*. 2002;17(4):377-89.
- 80.** Foster H, Hagan J, Brooks-Gunn J. Age, puberty, and exposure to intimate partner violence in adolescence. *Annals of the New York Academy of Sciences*. 2004;1036:151-66. Epub 2005/04/09.
- 81.** Halpern CT, Oslak SG, Young ML, Martin SL, Kupper LL. Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships: findings from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *American Journal of Public Health*. 2001;91(10):1679-85. Epub 2001/09/28.
- 82.** O'Keefe M, Treister L. Victims of dating violence among high school students. Are the predictors different for males and females? *Violence Against Women*. 1998;4(2):195-223. Epub 2002/09/26.
- 83.** Foshee VA, Benefield TS, Ennett ST, Bauman KE, Suchindran C. Longitudinal predictors of serious physical and sexual dating violence victimization during adolescence. *Preventive Medicine*. 2004;39(5):1007-16. Epub 2004/10/12.
- 84.** Foshee VA, Linder F, MacDougall JE, Bangdiwala S. Gender differences in the longitudinal predictors of adolescent dating violence. *Preventive Medicine*. 2001;32(2):128-41. Epub 2001/02/13.
- 85.** Spriggs AL, Halpern CT, Herring AH, Schoenbach VJ. Family and school socioeconomic disadvantage: interactive influences on adolescent dating violence victimization. *Social Science & Medicine*. 2009;68(11):1956-65. Epub 2009/04/21.
- 86.** Costa D, Hatzidimitriadou E, Ioannidi-Kapolou E, Lindert J, Soares J, Sundin Ö, et al. Intimate partner violence and health-related quality of life in European men and women: findings from the DOVE study. *Quality of Life Research*. 2014.